

E as exportações não reagirão no semestre

Ao contrário das expectativas de técnicos do governo e do setor exportador, não há indícios de que as exportações de produtos básicos possam reagir consideravelmente neste semestre, apesar do início da comercialização das safras agrícolas. A opinião é do coordenador do Grupo de Informações Agrícolas da Fundação Getúlio Vargas, Tito Ryff, para quem as esperanças de maior receita com as exportações de produtos agrícolas devem ficar para 1983, já que, este ano, os resultados obtidos e a persistência das dificuldades do mercado mundial não permitem conclusões otimistas.

A queda das taxas de juros no mercado internacional não constitui o único fator que permitirá a recuperação das exportações brasileiras, afirma Ryff. Será necessário o reajustamento da oferta de vários produtos, principalmente de culturas de ciclo longo, como o cacau e o café. Outro aspecto importante a considerar, segundo ele, é a reativação da demanda, o que é difícil por implicar a recuperação da economia dos países industrializados. Para Ryff, não se pode nem se deve esperar todos esses acontecimentos, a níveis desejados, ainda este ano.

EXCEDENTES

Além dos aspectos financeiros e econômicos internacionais — prossegue Tito Ryff —, há um obstáculo muito sério à melhoria da receita das exportações de produtos agrícolas: o excedente de oferta em relação à demanda de alguns produtos. Trata-se de questão que deve ser bem considerada no caso do cacau, soja e açúcar. No caso do café, embora existam também excedentes, sua venda é controlada pelo sistema de cotas de exportação determinadas pela Organização Internacional do Café (OIC), tornando menos grave o problema.

Em relação ao açúcar, segundo Tito Ryff, há também a fixação de cotas, previstas em regras bem definidas no Acordo Internacional do Açúcar, do qual o Brasil é signatário. As cotas estabelecidas para cada país produtor representam volumes superiores à capacidade de demanda do mercado, mas existe dispositivo no acordo que permite a redução de até 15% da cota fixada, à medida que

os preços do produto caírem no mercado internacional.

A cota brasileira de exportação de açúcar já foi reduzida em seu limite máximo de 15%, encontrando-se agora em 2,8 milhões de toneladas métricas, quando inicialmente era de 3,2 milhões. Ryff destaca não ser possível diminuir mais ainda a cota estabelecida, não só do Brasil, mas também de outros produtores, sob o simples argumento de sustentação de mercado para os países do AIC. “Seria o mesmo que colaborar com a Comunidade Econômica Européia (CEE), que não participa do acordo”, diz.

A CEE é um dos maiores exportadores de açúcar extraído da beterraba. No ano passado, vendeu 5 milhões de toneladas, prevendo-se igual volume para este ano. Segundo Ryff, as vendas extraordinárias da CEE resultaram do aumento apreciável da sua produção e da manutenção de estoque de 1,7 milhão de toneladas de açúcar subsidiado. O produtor da CEE recebe 25 centavos de dólar por libra-peso, enquanto o preço internacional é de 8 centavos de dólar por libra-peso.

Sobre o cacau, Ryff observa que, por cinco safras consecutivas, a oferta mundial do produto tem sido superior à demanda. Em 1982, haverá excesso entre 640 a 680 mil toneladas, que representam 47% do consumo mundial. Os preços do cacau, segundo ele, começaram a subir a partir de 1977 e, em 1979, atingiram o ponto máximo — superior a US\$ 2 por libra-peso. No momento, o preço está em 85 centavos de dólar por libra-peso, caindo 66% em relação aos preços de 1979. Ryff lembra que, desde 1976, os produtores brasileiros ampliavam o plantio de cacau, intensificando-o em 1979. Ele chegou a advertir contra essa euforia, tendo sido até contestado e o que previu acontece agora: a primeira colheita daquele plantio (o ciclo do cacau é de quatro a cinco anos) está sendo feita este ano, com os preços do mercado internacional no fundo do poço.

Quanto à soja, Ryff explicou que a redução das exportações do produto, este ano, ocorreu em razão da retração do mercado externo e, também, da queda de produção brasileira, gerada pela estiagem.